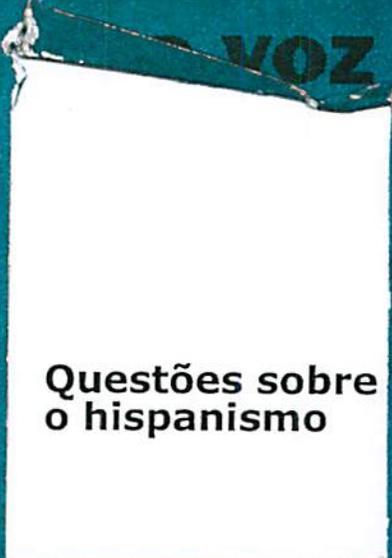


vernizes-do-
verno. [Do
vero. [Do la
Avero-. Ec
veronense
Veronês.
veronês. [E
ou relativo
habitante
veronesa (f
verônica. S
Pedro, em
sudário) en
hierosolimi
Jesus qua
ali grava
encardic
rosários
amulet
imager
metal.
procisse
Bras., /
gia sut
pequer
fruto é
verôni
ofic

viva voz
viva voz
viva voz
viva voz



Questões sobre
o hispanismo

viva voz
viva voz
viva voz

N.Cham. 864 Q5 2006 F

Título: Questões sobre o hispanismo



110260703
427767

ETRAS
64
5
006

ven
ver

viva voz

ve
ven
de
Do
lat.
a Ve
e Ve
, ver
. f. 1
Rom
1, qu
ta, d
'o ca
a s
...
e Y
(Eu
o ro
P. e
s do
naz.
mos
; flo
ma
ofi
il. A
ilha
ilha
ilid
ilim
li
nil
;

Organizadora
Elisa Amorim Vieira

864
Q5
2006
F

Questões sobre o hispanismo

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



110260703

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2006

427767

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

12/02/07

1102607-03

BELO HORIZONTE

Diretor da Faculdade de Letras
Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor
Wander Emediato de Souza

Comissão editorial
Eliana Lourenço de Lima Reis
Elisa Amorim Vieira
Lucia Castello Branco
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Glória Campos
Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação e formatação
Michel Gannam

Revisão de provas
Caroline Siqueira
Michel Gannam

Endereço para correspondência
FALE/UFMG – Setor de Publicações
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Telefax: (31) 3499-6007
e-mail: vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação . 4

Elisa Amorim Vieira

O pensamento de Miguel de Unamuno . 6

Heloísa de Oliveira Lopes

Unamuno e a questão do purismo . 11

Natalino da Silva de Oliveira

**Unidade e diversidade da língua espanhola
segundo Miguel de Unamuno . 15**

Rogério dos Santos

O hispanismo em questão – Eduardo Subirats . 19

Mariana L. Campos

**Culturas e memórias ibéricas e latino-
americanas segundo Eduardo Subirats . 22**

Sebastião Ferreira Leste

Apresentação

Elisa Amorim Vieira

Os textos que compõem o presente caderno *Viva Voz* são consequência das discussões realizadas desde agosto de 2006 pelo grupo de estudos que integra o projeto de Iniciação Científica "Hispanismo: diálogos e conflitos entre culturas". Constituído por cinco alunos da habilitação em Espanhol da FALE/UFMG e coordenado por mim, o grupo tem por finalidade refletir acerca de temas relativos ao conceito de hispanismo, tomando como base a teoria crítica propugnada pelo ensaísta catalão Eduardo Subirats. Nossa proposta é selecionar e analisar ensaios de escritores hispano-americanos e espanhóis que problematizem as questões das identidades socioculturais dos povos hispânicos. Além disso, criou-se também a necessidade de dedicar atenção especial ao funcionamento do ensaio enquanto gênero discursivo, pela sua relevância na tradição do pensamento ibérico, especialmente a partir da segunda metade do século XIX.

O ponto de partida dessas reflexões foi o texto da conferência apresentada por Eduardo Subirats no III Congresso Brasileiro de Hispanistas, realizado em outubro de 2004 na Universidade Federal de Santa Catarina. Intitulado "Siete tesis contra el hispanismo", o texto polemiza com a idéia do "hispânico" relacionado fundamentalmente com o espanhol. Para isso, remete-nos às profundas influências exercidas pelas culturas islâmicas e judaicas na configuração das sociedades ibéricas; ao trauma decorrente da perseguição e expulsão de mouros e judeus a partir do final do século XV; aos significados da expansão colonial patrocinada pela monarquia hispânica no Novo Mundo e à série de violências culturais e de extermínios étnicos que acompanharam tal empresa. No desenvolvimento de suas teses, Subirats argumenta e demonstra que a noção de "hispanismo" relaciona-se com as tentativas de homogeneização das

diversidades culturais em torno da Espanha nacional-católica e, em contraposição, propõe uma perspectiva hermenêutica mais ampla e rigorosa.

A leitura e discussão das "Siete tesis" leva-nos a textos de diversos autores, tais como Bartolomé de las Casas, Américo Castro, García Lorca, José Ortega y Gasset, José Maria Blanco White, Juan Goytisolo, entre outros. Instigados pelas polêmicas levantadas por Subirats, retomamos alguns ensaios de Miguel de Unamuno, que já haviam sido analisados em uma disciplina oferecida no primeiro semestre de 2006 e da qual participaram alguns membros do grupo. Dentre os ensaios de Unamuno, dois deles ofereceram importantes elementos para estabelecer contraposições com o pensamento de Subirats: "Contra el purismo" e "Sobre la lengua española". Os seguintes textos são o resultado dessas primeiras discussões sobre o hispanismo e a promessa de que seus autores continuarão aprofundando suas leituras, sempre na perspectiva de uma reflexão crítica a respeito da constituição das culturas hispânicas e utilizando o debate coletivo como etapa privilegiada do processo de produção acadêmica.

O pensamento de Miguel de Unamuno

Heloísa de Oliveira Lopes

"Mi labor ha sido siempre inquietar a mi prójimo, angustiá-lo, si puedo." Miguel de Unamuno.

A relevância do século XIX deve-se em grande parte à Revolução Industrial, que significou a consolidação de uma série de avanços tecnológicos até então impensáveis. O advento da imprensa, por exemplo, havia proporcionado mudanças significativas e acesso a informações das mais diversas procedências. O índice de intercâmbio entre os países europeus cresceu e era mais fácil o deslocamento de produtos, pessoas, pensamentos e idéias. O nacionalismo estava em alta e o mundo, como na atualidade, estava em plena ebulição.

Nesse cenário vive Miguel de Unamuno, ensaísta, poeta e romancista espanhol. Sua profunda sensibilidade e inteligência lhe permitem captar com agudeza essa realidade, em suas variadas nuances e em seus mais diversos aspectos.

Sua terra natal, no entanto, amargava o resultado de séculos e séculos de isolamento cultural, político e econômico. A Espanha, apesar de seu glorioso passado, era naqueles tempos a imagem da decadência: um país pobre, agrário, com uma enorme taxa de analfabetismo. Somado a isso, a perda de suas últimas colônias na América, entre elas Porto Rico, Filipinas e, especialmente, Cuba, em 1898, havia significado um golpe mortal em sua estrutura e provocado uma ferida profunda no orgulho de sua gente.

Neste contexto, pensadores e intelectuais espanhóis, que viriam a ser conhecidos como a Geração de 98, unem-se para tratar de entender o que se passava e refletir sobre questões de interesse nacional. Miguel de Unamuno, desde o início, esteve bastante envolvido com esse movimento e foi um de seus representantes mais ilustres.

Na verdade, embora urgentes, aquelas questões não eram novas. Mais de vinte anos antes, em 1876, indignados com um decreto real que os obrigava a ajustar seus ensinamentos aos dogmas oficiais, intelectuais como Francisco Giner de los Ríos e Joaquín Costa fundam a Instituição Livre de Ensino (Institución Libre de Enseñanza), estabelecimento educacional privado, que, além de se opor a essas regras, facilita e proporciona a introdução no país das mais avançadas teorias pedagógicas e científicas que se desenvolviam fora das fronteiras nacionais. Finalmente o país se abria e os valores das classes dominantes, até então hegemônicos e intocáveis, começam a ser questionados.

Miguel de Unamuno vem contribuir de forma decisiva para essa efervescência intelectual. Isso o converteu num dos escritores mais lidos de seu tempo e na mais importante figura pública espanhola de sua época. Por essa posição é admirado e respeitado, como também combatido e julgado.

Nascido Miguel de Unamuno y Jugo, na cidade de Bilbao, País Basco, em 29 de setembro de 1864, aos dezesseis anos parte para Madrid com o propósito de estudar Letras. Um ano após sua graduação, aos vinte anos de idade, obtém o doutorado. Volta a Bilbao, casa-se e passa alguns anos ensinando e escrevendo para jornais em sua terra natal. Espírito inquieto, empreende viagens pela França e Itália, para logo retornar à velha Castilla. Sempre brilhante, em junho de 1891, consegue a cadeira de grego na reputadíssima Universidade de Salamanca, a primeira da Espanha e uma das mais antigas da Europa.

Sua importância no cenário acadêmico logo é reconhecida e pouco tempo depois é nomeado reitor dessa Universidade. Torna-se conhecido e respeitado nos âmbitos intelectual e político, tanto que lhe propõem o posto de Senador pela Universidade salmantina e também um importante cargo no Ministério da Educação, ambos recusados por ele. Em 1914, porém, é destituído arbitrariamente de seu reitorado, o que o torna ainda mais conhecido e o consagra

como importante personalidade pública. Bastante atuante, apesar de não estar filiado a nenhum partido político, é condenado a dezesseis anos de prisão em 1920 por "haver insultado o Rei". A sentença não se cumpre, mas de certa forma confirma seu prestígio como líder intelectual de oposição ao regime monárquico. Segue um período turbulento em que perde sua cadeira na Universidade e em que enfrenta o exílio político. No entanto, é uma época de grande fertilidade intelectual e de produção de textos, quando se vêem refletidos diversos questionamentos, como filosófico, político, religioso e existencial.

Escritor incansável, passeou pelos vários gêneros literários - novela, teatro, poesia, ensaio - sempre movido por um afã que se pode chamar filosófico-científico. É uma constante interrogação, uma eterna busca, a busca incansável de sua própria identidade e da identidade de sua gente.

Parte importante de sua obra compreendeu esta reflexão: a do homem espanhol e suas raízes, aliado a uma crítica ferrenha à sociedade espanhola da época. É partidário da tese proposta por Ángel Ganivet, outro membro de sua geração, de investigar a intra-história do país, a história da gente simples que vivia nos campos e nas cidades: aquela que não estava nos livros e compêndios oficiais e que não era estudada nas escolas do país.

Com relação ao hispanismo, Unamuno defendeu com afinco sua consolidação em torno da língua espanhola, incluindo suas variantes. Para tratar desse aspecto recorreu ao ensaio, gênero literário pouco divulgado na época e que andava fora de uso. Por ser um gênero híbrido, entre o texto literário e o tratado filosófico, nele se expõem verdades sem prová-las: "é a ciência, menos a prova explícita", diria mais tarde Ortega y Gasset. Isso permite a Unamuno expor seus questionamentos sem receios, além de dizer o que pensa e contradizer-se sem medo e sem pudor.

Os ensaios unamunianos estão carregados de vigor e, por vezes, repletos de contradições, que não são ao acaso, ao

contrário, seguem um propósito filosófico que é o de inquietar o leitor, levá-lo a pensar sobre o mundo e sobre si mesmo. Ele era um provocador por excelência e não lhe interessava a aprovação às suas idéias, o que queria era plantar nas pessoas a semente do desassossego, levá-las a questionar o mundo e seus valores.

Hoje, mais de um século depois, escritores e pensadores seguem pesquisando suas origens e aprofundando-se nesta linha de pensamento: a de que um povo deve conhecer sua história. Só assim poderá situar-se com propriedade no mundo, que, como nos tempos de Unamuno, está em plena ebulição.

Quanto ao mundo hispânico, um dos escritores que mais se destacam na atualidade é Eduardo Subirats, espanhol que nos últimos anos vem publicando uma série de ensaios, cujo tema central é a história dos povos hispânicos, desde a sua origem até sua realidade no mundo moderno. Além de retomar a tradição do gênero ensaístico, Subirats, como Unamuno, avança na discussão. Porém, ao contrário de seu antecessor, não está preocupado com a unificação do mundo hispânico em torno da língua espanhola. Interessa-lhe muito mais a recuperação e a valorização dos diversos registros e manifestações de todas as raças que deram origem aos povos latino-americanos e peninsulares, defendendo, inclusive, a inter-relação profunda entre as Américas, a Península Ibérica e todos os que contribuíram para sua formação.

Isto é ampliar os olhares sobre a língua espanhola, e trazer à tona memórias que estiveram "esquecidas" por longo tempo. Não é tarefa fácil, mas a riqueza da sua história não permite que impere a ignorância e o olvido. Explorá-la profundamente e propor novos rumos é o que faz esse autor, talvez movido por aquele mesmo afã que em seu tempo movera a Miguel de Unamuno y Jugo.

Referências

SHAW, Donald. *La generación del 98*. 7. ed. Madrid: Cátedra, 1997. p. 13-109.

SUBIRATS, Eduardo. Siete tesis contra el hispanismo. In: DINIZ, Alai Garcia (Org.). *Hispanismo 2004*. Florianópolis: UFSC; ABH, 2006.

TUÑÓN, de Lara Manuel; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, Ángel; CARDONA, Gabriel; BRICALL, M. J. *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Editora Labor, 1985. p. 10.

UNAMUNO, Miguel de. *Obras Completas*. Ensayos. Madrid: Afrodísio Aguado, 1950. p. 5-9, t. III.

Unamuno e a questão do purismo

Natalino da Silva de Oliveira

"Hay que volver a levantar voz y bandera enfrente y en contra del purismo casticista, de esta tendencia que, mostrándose a las claras cual mero empeño de conservar la castidad de la lengua castellana, es, en realidad, solapado instrumento de todo género de estancamiento espiritual y, lo que es peor aún, de reacción entera y verdadera." Miguel de Unamuno.

O pensamento de Dom Miguel de Unamuno, por sua natureza contraditória, é por vezes difícil de ser assimilado. O pensador não nos dá fórmulas prontas, ao contrário, assume a necessidade e riqueza da dúvida. Essa é a perspectiva adotada nos ensaios presentes na obra *En torno al casticismo*, em que trata do purismo e do casticismo vigentes em sua época. Enquanto sobre alguns aspectos suas reflexões vão ao encontro do que discutimos e afirmamos na atualidade, em outros, seu pensamento nos parece arcaico e antiquado.

Em seus ensaios encontramos uma forte crítica aos defeitos considerados como causas da decadência dos povos peninsulares. Estes "defeitos" seriam: a preguiça mental, a intolerância, toda forma de dogmatismo (seja econômico, filosófico ou religioso) e o purismo.

Em *En torno al casticismo*, Unamuno identifica a captura e o monopólio do intra-histórico pelas classes dominantes como principais fatores do marasmo da sociedade espanhola do seu tempo. Detalha os principais fatores da decadência que estariam associados ao desprezo pelo elemento intra-histórico original, assim como à inquisição e à intolerância lingüística.

A crítica unamuniana se centra na Espanha imperial, que impôs sua cultura, sua religião, sua maneira de pensar, sua língua, sua economia, suas leis, e que utilizando a espada destruiu culturas, comunidades e centros identificadores.

Quanto ao purismo, este seria a atitude daqueles que desejam fixar uma língua em um determinado padrão, sob o qual variações não só não são aceitas como são mal vistas. Tal atitude era considerada como defesa da "pureza" da língua. Dessa forma, os puristas seriam os principais inimigos da língua enquanto organismo vivo e instrumento de comunicação de uma sociedade em constante mutação. Como diz Unamuno, "as línguas como as religiões, vivem de heresias".¹ De acordo com ele, o purismo não se limitaria somente ao aspecto lingüístico, mas teria seu conceito ampliado ao purismo de cunho filosófico, econômico, religioso, social e cultural.

Y hay, además, otro aspecto de la cuestión, y es que como hoy ningún pueblo puede vivir aislado si quiere vivir vida moderna y de cultura, ningún idioma puede llegar a ser de verdad culto sino por el comercio con otros, por el librecambio. El proteccionismo lingüístico es, a la larga, tan empobrecedor como todo proteccionismo; tan empobrecedor y tan embrutecedor.²

As atitudes puristas geraram um conceito muito particular de seguimentos da elite intelectual espanhola: o casticismo (o termo "castiço" deriva de "casta", assim como do adjetivo "casto", "puro"). Foi uma estratégia purista com intuito de unificar a Espanha através da religião católica, do castelhano castiço, da economia centralizada e da política. O nacionalismo, tendo levado em consideração apenas a cultura hegemônica espanhola, acabou por desprezar todas as outras formas de manifestação cultural. Segundo Unamuno, essa teria sido uma das causas do fracasso da Espanha, pois não levava em conta a multiplicidade de sua gente. Os traumas, no entanto, foram deixados na alma dos espanhóis e dos povos que pertenceram ao império espanhol.

As estratégias de colonização funcionaram, o castelhano se espalhou pelo mundo e alcançou as Américas. Com esta

¹ UNAMUNO. *Contra el purismo*, p. 363.

² UNAMUNO. *Contra el purismo*, p. 362.

ampliação, passou de língua de Castela à língua espanhola e, apesar de todo o protecionismo lingüístico, foi ganhando contribuições de outras línguas e culturas em sua formação.

*Derrámase hoy la lengua castellana por muy dilatadas tierras, bajo muy diferentes zonas, entre gentes de muy diversas procedências y que viven en distintos grados y condiciones de vida social; natural es que en tales circunstancias se diversifique el habla.*³

Observando somente estes pontos, podemos ter a falsa idéia de que seus posicionamentos foram sempre assertivos. Mas por dificuldades geradas por seu lugar de enunciação (à época, 1902 – Reitor da Universidade de Salamanca) o pensamento de Unamuno contrasta com as idéias que defendemos hoje e difere até mesmo de muitas de suas próprias idéias.

O ensaísta propõe a tese de que o povo deveria falar a língua que utiliza para pensar. E assim defendeu que o povo catalão deveria utilizar a língua catalã para comunicar-se.⁴ Mas no que tange a utilização da língua basca, seu idioma materno, ele afirmou que o povo basco deveria utilizar somente o espanhol como língua oficial. Com respeito a outras línguas, assumiu que estas deveriam somente enriquecer o castelhano, defendendo-o como idioma hegemônico da hispanidade.

Unamuno também nos parece contraditório quando assumiu total desprezo pela cultura árabe. Ele chegou ao ponto de renegar qualquer influência do povo árabe sobre o solo da Península. E, em cartas a seu amigo Ganivet, diz: “De los árabes no quiero decir nada, les profeso una profunda antipatía, apenas creo en eso que llaman civilización arábica y considero su paso por España como la mayor calamidad que hemos padecido.” Também nos surpreende sua negativa da influência de povos formadores da cultura e da civilização ibérica quando afirma que os iberos, os celtas, os fenícios, os

³ UNAMUNO. Sobre la lengua española, p. 285.

⁴ UNAMUNO. Sobre el uso de la lengua catalana.

romanos, os godos e os árabes foram representados por uma proporção muito menor do que figura nos livros. Sustenta que estes povos não afetaram o intra-histórico do povo espanhol atingindo somente a superfície. Desta forma, percebemos um certo tom de purismo e casticismo nestes posicionamentos do autor, o que nos passa de forma implícita um desejo de afirmar a existência de uma casta espanhola, como se tratasse de um povo que não proveio de uma mescla de culturas. Estes pensamentos e a defesa de uma ideologia cristã, centralizadora, nacionalista, hegemônica e católica são exaustivamente criticados por Subirats.⁵

O fato é que não podemos negar o valor que tem o pensamento unamuniano. Sua obra foi pioneira ao tratar do tema hispanismo sob um foco filosófico e espiritual. Suas idéias, mesmo contraditórias, serviram para despertar o marasmo em que vivia a Espanha na época. E até hoje nos servem como objetos de análise, surpreendendo-nos por sua precocidade em determinados aspectos e arcaísmo em outros. Sua obra sempre nos dará a dádiva da dúvida.

Referências

SUBIRATS, Eduardo. Siete tesis contra el hispanismo. In: DINIZ, Alai Garcia (Org.). *Hispanismo 2004*. Florianópolis: UFSC; ABH, 2006.

UNAMUNO, Miguel de. Sobre el uso de la lengua catalana. *Diario Moderno*, Barcelona, abril/maio 1896.

UNAMUNO, Miguel de; GANIVET, Angel. *El porvenir de España*. Madrid: Renacimiento, 1912.

UNAMUNO, Miguel de. Contra el purismo. In: *Obras Completas*. Ensayos. Madrid: Afrodísio Aguado, 1950. t. III.

UNAMUNO, Miguel de. Sobre la lengua española. In: *Obras Completas*. Ensayos. Madrid: Afrodísio Aguado, 1950. t. III.

Site

<http://www.ensayistas.org/antologia/>

⁵ SUBIRATS. Siete tesis contra el hispanismo.

Unidade e diversidade da língua espanhola segundo Miguel de Unamuno

Rogério dos Santos

Unamuno, em seu fazer filosófico, pensou a nação espanhola a partir de seus elementos internos e formadores, estendendo o olhar sobre os diversos ângulos do problema. Seu pensamento se voltou para a história, a religião, a educação e, entre outros temas, a língua espanhola, à qual dedicou um importante ensaio, escrito em novembro de 1901, intitulado "Sobre la lengua española". É sobre esse texto e as questões nele propostas e discutidas que trataremos a seguir, buscando observar aí as idéias de Unamuno a respeito da unidade, da diversidade e do futuro da língua espanhola. Como veremos, idéias originais para sua época, e que mantêm sua vigência até hoje em muitos aspectos.

Fiel a seu estilo provocativo, Unamuno inicia o ensaio recordando a exortação que havia feito a seus conterrâneos, durante um evento em Bilbao, a resignarem-se ante a inevitável perda da língua basca frente ao castelhano, acatando, dessa forma, o progresso. Não que desconsiderasse a diversidade cultural e lingüística da Península, ou mesmo da América Latina, mas o eixo de seu pensamento esteve sempre ligado à cultura hegemônica, castelhana, postura hoje criticada por pensadores como Eduardo Subirats. Segundo essa visão, os estudos no campo do hispanismo não podem prescindir da inclusão das culturas marginalizadas que participaram da formação do mundo hispânico, como as culturas árabe e judaica, solenemente ignoradas por muitos dos pensadores que se dedicaram às questões hispânicas, inclusive Unamuno.

Embora fosse basco, Unamuno defende que a língua espanhola deveria ser utilizada por todos os cidadãos espanhóis, fossem eles galegos, catalães, bascos ou de qualquer outra região da Península, como forma de unidade



nacional. No entanto, considerava que nenhuma das regiões hispanófonas, seja na Espanha ou na América, deveria pretender ditar a norma e o tom à linguagem de todas elas, questionando assim a pretensão de Castela ou da Espanha de arrogar-se esse direito. Aqui abrimos um parêntese para constatar que nesta particularidade sua idéia não se concretizou, como se percebe pela atuação da Real Academia, ou pelo conteúdo da maioria dos livros didáticos de espanhol como língua estrangeira, que consideram *standard* a variante do centro-norte da Península.

O pensamento de Unamuno identifica o idioma castelhano com a força histórica de Castela na formação da nação e da personalidade nacional espanhola. No entanto, critica a concepção estática do idioma, concepção que determina sua rígida subordinação a regras gramaticais e se opõe à sua natural evolução. A língua espanhola a ser usada por todos não seria aquela castiça, o castelhano petrificado nas gramáticas normativas e nos textos antigos, mas um idioma em movimento, com contribuição de todos os falantes, que deveriam se assenhorear da língua, fazendo-a sua, contribuindo com novos termos, expressões e até mesmo novas estruturas sintáticas, se necessário fosse para plasmar o pensamento de cada um e do povo espanhol como um todo.

À época da escrita do ensaio, havia um debate sobre se o idioma espanhol, sobretudo na América Latina, onde estava sujeito a novas realidades culturais e sociais, terminaria por perder sua unidade, dando lugar ao surgimento de outras línguas. Unamuno defende que não, apontando que, pelo rápido intercâmbio que a vida moderna proporcionava, os distintos falares das diversas nações iriam influenciar-se e a integração seguiria um curso simultâneo ao da diferenciação dialetal.

Unamuno, em suas investigações acerca do léxico da língua espanhola, havia colhido centenas de vocábulos correntes na região salmantina e que não estavam registrados em dicionários, o que demonstrava, além da natural fecundidade da língua, o

desenvolvimento de seu processo vital, e entendia que era necessário estudá-la diacronicamente, em suas relações entre passado e presente. Além do léxico, o autor considera também aspectos semânticos, de variação lingüística, etimológicos e sintáticos em sua abordagem.

Em relação à sintaxe, começa citando um escritor espanhol que afirmava, naquela época, que aos espanhóis não fazia muita falta aprender gramática, quando o que necessitavam era ter o que dizer, lembrando o assombro que causava a declaração da inutilidade da gramática para falar e escrever com correção e propriedade. Segundo Unamuno, a gramática predicada e ensinada, último reduto da ideologia escolástica e da lógica aristotélica, era uma disciplina infecunda, apenas classificatória e descritiva, cuja preocupação em engessar as formas da linguagem, em termos muitas vezes inadequados, já não seria proveitoso. A gramática ideal deveria partir da observação da língua em uso, buscando entender as forças em ação na evolução da mesma, e não ser apenas um instrumento normativo. Aqui Unamuno anteviu o que somente mais tarde os lingüistas fariam com as gramáticas comunicativas.

Quanto aos escritores, que têm como ferramenta de trabalho o idioma, não deveriam subjugar-se às regras gramaticais, mas subjugá-las para dar forma a seus textos conforme seus ideais, desde que fossem compreendidos pelo leitor. O objetivo de quem escreve, e aí não somente os escritores profissionais, deve ser o de converter a palavra, por meio de reflexão, em algo que se tenha total consciência, libertando-a do que ela é na língua oral: mero reflexo. Escrever exige, portanto, consciência e reflexão sobre a língua. Trata-se de converter em reflexão o instinto, se se deseja tornar instintiva a reflexão.

Unamuno se posiciona contra o protecionismo em relação à língua, contra o que chama tirania casticista, defendendo que a liberdade no uso da língua traria mais benefícios, e afirmando não temer a anarquia na linguagem,

pois os homens se entenderiam. Assim, compreende a criação de neologismos como força renovadora, defendendo que uma nova palavra que surge, seja por analogia ou por empréstimo de outras línguas e adaptação ao espanhol, acaba por diferenciar seu significado em relação a algum sinônimo já existente na língua. Introduzir palavras novas, afirma, haja ou não outras que as substituam, é introduzir novos matizes de idéias.

Quanto à língua oral, há que falar a língua comum, mas com arte própria, como cada homem deve pensar por si mesmo dentro do pensar comum, considera Unamuno, criticando a uniformidade e a monotonia da maneira de pensar dos espanhóis de seu tempo, que, segundo ele, pensavam todos o mesmo e da mesma forma. Seria necessário vivificar a língua e o pensamento. Dessa maneira, alenta os jovens a trabalhar mais com o idioma, a estudá-lo cientificamente, se preciso desconjuntando-o e deslocando-o antes de alterar o pensamento para fazê-lo caber na linguagem pronta, preocupando-se menos com a superfície da linguagem e mais em dizer coisas de substância ou graça.

As idéias de Unamuno, longe de terem conseguido aceitação unânime em seu tempo, e mesmo ainda hoje serem objeto de crítica, mostram a inquietação de um escritor e um filósofo que procurou compreender a realidade à sua volta, e podem servir de incentivo aos que se propõem a tarefa de pensar e estudar a língua espanhola, seja em seus aspectos formais ou em sua relação com os estudos hispânicos em geral.

Referências

SHAW, Donald. *La generación del 98*. 7. ed. Madrid: Cátedra, 1997.

SUBIRATS, Eduardo. Siete tesis contra el hispanismo. In: DINIZ, Alai Garcia (Org.). *Hispanismo 2004*. Florianópolis: UFSC; ABH, 2006.

UNAMUNO, Miguel de. Sobre la lengua española. In: *Obras Completas. Ensayos*. Madrid: Afrodísio Aguado, 1950. t. III.

Site

<http://www.ensayistas.org/antologia/>

O hispanismo em questão – Eduardo Subirats

Mariana L. Campos

Neste trabalho, que integra os estudos recém-iniciados pelos participantes do projeto de iniciação científica intitulado "Hispanismo: diálogos e conflitos entre culturas", apresentarei alguns aspectos relativos à vida e à obra ensaística do escritor espanhol Eduardo Subirats.

Essa análise se faz necessária para a compreensão da teoria crítica de Subirats, a partir da qual serão fundamentadas as discussões do grupo de pesquisa acerca do conceito de hispanismo.

Eduardo Subirats Ruggeberg nasceu em 1947, em Barcelona. Estudou filosofia na Universidade de Barcelona, na Universidade Livre de Berlim e em Paris. Foi professor universitário no Brasil, no México e nos Estados Unidos. Atualmente é conferencista, professor e pesquisador da Universidade de Nova York.

Os anos de sua primeira formação intelectual foram vividos durante o franquismo. Neste período, os escritores e os intelectuais espanhóis não encontravam ambientes de estímulo intelectual em instâncias institucionais de seu país.



Subirats – Ilustração de Rai Escalé

Subirats, assim como outros autores nascidos em Barcelona, como Juan Goytisolo (1931), Xavier Rubert (1939), Manuel Vázquez Montalbán (1939), Eugenio Trias (1942) e Rafael Argullol (1949), manifestou o desejo de buscar no exterior ou nas margens internas o que não existia nas instituições educacionais ou de formação cultural. Nesse sentido, as viagens dos jovens intelectuais da época aos

centros da cultura europeia representaram a necessidade de entrar em contato com as idéias críticas do pensamento hegemônico da França, Inglaterra ou Alemanha. A "europeização" implicava, para esses intelectuais, atualização e modernização e pretendia compensar a situação de obscurantismo cultural e político vivida na Espanha durante o regime de Franco.

Subirats apresenta a viagem ao exterior como ponto fundamental em sua evolução intelectual e, além disso, critica aqueles que se formaram na Espanha no período compreendido entre os últimos quinze anos do franquismo e a década 1980:

A cultura espanhola dos anos sessenta até os anos oitenta foi completamente deficitária, qualquer pessoa formada somente em Madri ou Barcelona durante essa época não pôde desenvolver-se, por isso os supostos gênios de hoje se caracterizam por sua debilidade e sua incapacidade de estabelecer um verdadeiro diálogo com as correntes de pensamento atual. Eu fui expulso de Barcelona e me fecharam as portas em Madri, de modo que me vi forçado a sair.¹

Percebemos assim, que, para Subirats, o mundo cultural espanhol da época era fechado e retrógrado, conseqüentemente, os intelectuais espanhóis que não estudaram em outros países ficaram parados no tempo e são incapazes de compreender o pensamento atual. O gênero textual utilizado pelo autor na construção de seu trabalho crítico é o ensaio. Segundo Silvia Cárcamo,² ao contrário do discurso científico, que é contido, o ensaio é o discurso da polêmica, da paixão, assumido pelo enunciador e, enquanto discurso de persuasão, deve voltar-se para o destinatário para cercá-lo ou convencê-lo.

A utilização do gênero ensaio por Subirats está diretamente relacionada à sua concepção em relação ao papel do intelectual. Para Subirats, o intelectual deve participar criticamente na sociedade da qual faz parte, tomando posição, sem esquivar-se da polêmica e do conflito³ e é no ensaio que

¹ CARRIÓN. La academia española es incapaz de dialogar, p. 3.

² CÁRCAMO. Ensayo y pensamiento en Eduardo Subirats, p. 1.

³ CÁRCAMO. Subirats: el hombre y su obra, p. 1.

encontra a liberdade e a autonomia para questionar tradições e expressar sua consciência crítica.

A abordagem dos conflitos que atravessaram e atravessam as culturas hispânicas e a defesa da necessidade de se considerar as diversas heranças culturais formadoras dos povos da América Latina e da Península Ibérica são polêmicas presentes no ensaio de Subirats. Nesse sentido, o ensaísta cultiva uma linha de pensamento à qual estão adscritos autores como Américo Castro e Juan Goytisolo.

Na obra de Subirats percebemos a presença de uma reflexão sobre a questão do "outro" na cultura, sobre a violência inerente ao ato de domínio e sobre o lugar da razão no processo civilizatório do Ocidente. Insiste no diálogo entre culturas com seus necessários e inevitáveis conflitos. E é no âmbito do ensaio – onde o autor questiona as tradições e deixa suas marcas – que essa crítica se processa.

Referências

- CÁRCAMO, Silvia. Ensayo y pensamiento en Eduardo Subirats. In: *Anales del III Congreso de Hispanistas*. Florianópolis, 2005.
- CÁRCAMO, Silvia. Subirats: el hombre y su obra. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/filosofos/spain/subirats/introd.htm>>. Acesso em: 10 out. 2006.
- CARRIÓN, Jorge. Ensayo. Eduardo Subirats. La academia española es incapaz de dialogar. *Revista de cultura lateral*, jan. 2006. Disponível em: <http://www.lateral-ed.es/revista/indice/indice_133.htm>. Acesso em: 10 out. 2006.
- SUBIRATS, Eduardo. Siete tesis contra el hispanismo. In: DINIZ, Alai Garcia (Org.). *Hispanismo 2004*. Florianópolis: UFSC; ABH, 2006.
- Site
<http://www.ensayistas.org/antologia/>

Culturas e memórias ibéricas e latino-americanas segundo Eduardo Subirats

Sebastião Ferreira Leste

"Los directores de las censuras madrileñas consideran que soy una persona no grata, o bien que no existo."
Eduardo Subirats.

Abro esta breve exposição partindo das acepções de *hispanismo* registradas na atual edição do *Diccionario de la Real Academia Española – DRAE*, quais sejam:

*Hispanismo – (De hispano). 1. m. Giro o modo de habla propio y privativo de la lengua española. 2. m. Vocablo o giro de esta lengua empleado en otra. 3. m. Empleo de vocablos o giros españoles en distinto idioma. 4. m. Afición al estudio de las lenguas, literaturas o cultura hispánicas.*¹ (grifo nosso)

A acepção 1 (um) estava registrada já na primeira edição, de 1726, desse mesmo dicionário, e se encontra em todas as atuais publicações. Ao longo dos séculos, os estudos tradicionais relacionados ao *hispanismo* basearam-se nessa acepção para identificar o hispânico exclusivamente com a língua espanhola.

Segundo Fernando Lázaro Carreter, a partir dos anos 1960, a palavra *hispanista* começava a referir-se a

*las prácticas de investigaciones de españoles dedicados al estudio de la lengua y literatura nacionales, pero es bastante improbable que se lo usara en este sentido, en España, antes de 1960.*²

Em 1965, Dámaso Alonso dava uma nova dimensão ao termo *hispanismo*, postulando que a atividade de pesquisa sobre a cultura hispânica já não se restringia a pesquisadores peninsulares, mas se expandia a todo o universo de fala hispânica.

¹ <http://buscon.rae.es/draeI/SrvltGUIBusUsual>

² SCHWARTZ. De hispanismo, los siglos XVI y XVII y el olvido de la historia.

Intelectuais de expressão universal, como Miguel de Unamuno, Ortega y Gasset, Ramiro Maeztu Whitney, José Vasconcelos e outros "hispanistas" embasaram suas teorias lingüísticas nos métodos historicistas, sobre os quais pesam a exclusão, principalmente, dos árabes e dos judeus. Essa atitude resultou em apagar a contribuição desses povos do contexto da formação cultural espanhola. O verbete "hispanismo" do referido *DRAE* contemporâneo foi, portanto, tomado por esses pensadores na sua primeira acepção, quando a realidade sempre apontava para a quarta. Isso redundou, no mínimo, desconsiderar a pluralidade do termo que o define: "hispanismo - dedicação ao estudo das línguas, literaturas ou cultura hispânicas".

É a partir desse novo conceito que Eduardo Subirats constitui suas postulações filosóficas aglutinantes, buscando romper o discurso caduco da constituição unitária do hispânico. O seu lugar de enunciação é denotativamente antielitista e anticlerical, e, em virtude dessa posição de ruptura, sente-se um estrangeiro em seu próprio país, conseqüência do seu rechaço ao conservadorismo, especialmente o vigente a partir do século XVI, alimentado e realimentado até a Geração de 98. A sua biografia mostra que não só o discurso mas também o sujeito empírico são repelidos na Espanha, por serem vistos como uma espécie de "contravenção" ao senso tradicional da formação cultural espanhola.

Desconstruir uma Espanha cujas bases estão arraigadas no subsolo de um catolicismo despótico secular e purista é tarefa que demanda um exercício crítico, em que o olhar parta do distanciamento, portanto do exílio. Nesse sentido, questiona-se: por que, séculos depois da diáspora, em plena pós-modernidade, ainda se pratica a expulsão dos que destoam do discurso hegemônico político-religioso dos primeiros tempos?

Do seu "não-lugar", Eduardo Subirats sustenta a tese de que a memória ibérica e, por herança, a latino-americana são

demasiado seletivas porque essencialmente católicas. O que se constituiu posteriormente como Estado espanhol se deu sob regime cristão, não me referindo aqui a um regime puramente religioso, mas absolutista e teocrático, amparado na intolerância aos pensadores árabes e judeus, que durante a Idade Média representaram parte substancial da intelectualidade ibérica. É claro que, imperialista e centralizadora, além de belicosa, a Espanha castelhana rejeitou, também, os seus co-irmãos ibéricos, a ponto de proibir, durante o regime franquista, as demais línguas e dialetos peninsulares. A intolerância, em sentido lato, a busca cega a um casticismo lingüístico-cultural castelhano, somadas à gradual perda das colônias americanas, promoveram um encolhimento geográfico, econômico e cultural de conseqüências desastrosas para a Espanha.

O que propõe Subirats é não mais que a renovação desse velho hispanismo unívoco já inanimado. E que a partir do desmoronamento das fronteiras epistemológicas sejam erigidos "centros espirituais" capazes de nos reconduzir aos "espaços e símbolos sagrados compartilhados, ao intercâmbio de experiências místicas, assim como às expressões comuns artísticas, filosóficas e científicas"³ que resgatem a *gênesis* hispânica.

Remontar as culturas ibéricas e latino-americanas com todos os elementos que, de fato, as compõem, a partir de um "diálogo permanente com outros campos de conhecimento", é uma teoria crítica vanguardista que "estrangeiriza" e põe à margem a filosofia subiratsiana, porque significa buscar no esquecimento, nas lacunas da memória a contribuição de árabes, judeus, ameríndios e, por extensão, outras vozes peninsulares e africanas, e fazer com que a esse conjunto se incorpore o duende - "poder misterioso que todos sentem e que nenhum filósofo explica [que] é, em síntese, o espírito da

³ SUBIRATS. Siete tesis contra hispanistas.

Terra"⁴ - de que nos fala Federico García Lorca. A construção de um discurso nesses termos, mais que pressupõe, exige a dissolução do conhecimento secular das ideologias consuetudinárias até então dominantes.

A Associação Internacional de Hispanistas - AIH, fundada em Oxford, em 1962, por especialistas europeus e americanos conta com colabores em todo o mundo. A Associação Brasileira de Hispanistas, com representação na Universidade Federal de Minas Gerais, congrega esse grande movimento. Nós, como partícipes desse contingente, estudamos e compartilhamos conhecimentos sobre as culturas espanhola e hispano-americana, buscando rechaçar o apregoado purismo castelhano. Comungamos os "ideais multiculturalistas" de Eduardo Subirats sob uma perspectiva "antropofágica", como ele próprio assinala. A exemplo de Oswald de Andrade, em relação ao modernismo brasileiro, buscamos resgatar, distanciados do sentimento eurocentrista da construção hispânica, os elementos originais postos à margem a propósito de um método historicista, se não imposto, avalizado pela Igreja Católica. A supressão de barreiras entre os continentes e as etnias, a inaceitabilidade do colonialismo ou neocolonialismo, o resgate da memória em câmbio de certos esquecimentos são os pressupostos-esteios da filosofia subiratsiana.

Garsilaso, Juan Goytisolo, Blanco White, María Zambrano, José Maria Arguedas, Roa Bastos, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, João Guimarães Rosa, Oswald de Andrade, dentre outros, são nomes contributivos do *hispanismo* compatível com a quarta acepção anteriormente apresentada.

Os princípios filosóficos propostos por Eduardo Subirats, segundo ele próprio declara, não são uma provocação, mas uma libertação, porque "toda crítica é, em última instância, libertadora".⁵

⁴ LORCA. Juego y teoria Del Duende.

⁵ SUBIRATS. Em entrevista a Silvia Cárcamo.

Referências

CÁRCAMO, Silvia. Subirats: el hombre y su obra. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/filosofos/spain/subirats/silvia.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

LORCA, Federico García. Juego y teoría Del Duende. In: LORCA, Federico García. *Obras, VI - Prosa, 1: primeras prosas, conferencias, alocuciones, homenajes, varia, vida, poética, antecríticas, entrevistas y declaraciones*. Madrid: Akal, 1994.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Real Academia Española - DRAE*. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/draeI/>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

SCHWARTZ, Lia. De hispanismo, los siglos XVI y XVII y el olvido de la historia. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v06/liaschwartz.html>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

SUBIRATS, Eduardo. Em entrevista a Silvia Cárcamo. Trad. Flávia Ferreira dos Santos. *Estudos Latinos - Alea*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jan./jun. 2005.

SUBIRATS, Eduardo. Siete tesis contra el hispanismo. In: DINIZ, Alai Garcia (Org.). *Hispanismo 2004*. Florianópolis: UFSC; ABH, 2006.

DOAÇÃO

Do: Paulo Roberto Lima

Para: UFRJ

Em: 23.01.06

Por: 23,00

... todos os
... Post-
... metazoá-
... apêndices
... a, e sem
... 'verme':

... Que mata
... ia vermici-
... Que tem
... vegetal que
... so.]
... Relativo ou

... Erva perene e
... Sedum acre),
... ramos ascen-
... vadas, aproxi-
... arelas, que se
... os frutos são

... Min. Grupo de
... de composição
... as. [Esses mine-
... a, intumescem e
... em ser utilizados
... construção para

... Pequeno verme.
... u.] Adj. Vermicu-
... ra.] S. f. Ornato
... pelos vermes a se

e/ou fala vernaculária.
vernaculização. S. f. Ato ou efeito de vernaculizar.
vernaculizar. V. t. d. Tomar vernáculo.
vernáculo. [Do lat. *vernaculu*, 'de escravo nascido na casa do senhor'; 'de casa, doméstico'; 'próprio do país, nacional'.] Adj. 1. Próprio da região em que está; nacional: "Nada mais pitoresco, nada mais vernaculo, nada mais genuinamente e mais encantadoramente português do que essas simples e modestas navegações d'água doce!" (Ramalho Ortigão, *A Holanda*, p. 83); à noite o primeiro gródio da serra, com os pitões vernáculos do velho Portugal!" (Eça de Queirós, *Cidade e as Serras*, p. 198); a língua vernacula. Fig. Diz-se da linguagem genuína, correta, pura, isenta de estrangeirismos; castiço. 3. Diz-se de quem atende para a correção e a pureza no falar e escrever; castiço. ● S. m. 4. O idioma próprio de um país.
vernal. [Do lat. *vernale*.] Adj. 2 g. 1. Da, ou relativo primavera; primaveril: "Transbordaram, no inverno agora as fontes." (Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 2. Diz-se dos vegetais que rebentam na primavera. ger.: verno.) — V. ponto —
vernalidade. S. f. Qualidade de vernal.
vernalização. [De *vernalizar* + -ção.] S. f. Fisiol. Tratamento, por agentes físicos ou químicos, usado em países frios, de uma semente, para que se entre no período vegetativo. [Assim o trigo, p. ex., semeado em primavera após a vernalização, chega a produzir ao mesmo tempo que o trigo semeado no outono.]
vernalizar. [De *vernal* + -izar.] V. t. vernalização de.
[Do lat. *vernante*.] Adj. 2 g. a primavera.
vernes. [Var. de *berne*.] S. m. pl. Veter. Inchaço da pele e o tecido subjacente.

Faculdade de Letras
U F M G